FORMAÇÃO DOS **DOS ESTADOS AFRICANOS E A QUESTÃO DA SOBERANIA**

Flavio Thales Ribeiro Francisco

Recapitulando

- Processo de independência
- Boom das commodities
- Crise da década de 1970
- Dependência da exportação de commodities
- Estados de “Aluguel”

Século XX e a reinvenção dos Estados

- A década de 1930, após a crise de 1929, é marcada por mudanças no papel no Estado, em países na Europa e nas Américas. O Estado passa a incorporar as **demandas de seguimentos médios e populares**, expandindo o direito de voto e programas sociais que passariam a compor o Welfare State.
- Na América Latina, as oligarquias agrárias são obrigada a ceder aos estratos inferiores. **O Estado se reinventa, assim como as nações latino-americanas passam a reelaborar as suas identidades nacionais**.
- Esse processo não está presente, nesse momento, nos países asiáticos e africanos

Globalização

- Alguns teóricos argumentam que o efeito geral desses processos globais tem sido o de enfraquecer ou solapar formas nacionais de identidade cultural. Eles argumentam que existem evidências de um afrouxamento de fortes **identificações com a cultura nacional, e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais**, "acima"e "abaixo" do nível do estado-nação.
- No nível econômico, o fluxo de capital, impulsionado por reformas neoliberais, tem se acentuado, **deteriorando a capacidade dos Estados conduzirem as suas políticas econômicas.**

O debate sobre os Estados no continente africano.

- Apesar dos desafios de formação dos Estados africanos, na década de 1960, o sistema internacional, em meio à disputa da Guerra Fria, oferecia opções de apoio. Com o fim da disputa entre EUA e URSS, ao longo da década de 1980, **as alternativas foram desaparecendo para principalmente para os ditadores.**
- A ascensão de um sistema internacional dominado pelos valores liberais ocidentais (o fim da história), incorporados nas políticas internacionais dos Estados Unidos, **reforçou a importância de ordens sociais democráticas e de debates sobre a boa governança**

Kabengele Munanga

As elites africanas de uma certa época apresentaram a tendência em explicar todas as dificuldades de seu país com base em fatores externos, notadamente o neocolonialismo e o imperialismo. Embora tivessem certa razão, pois esse argumento conserva ainda sua força inercial até os dias de hoje, creio que não podemos continuar a nos eximir totalmente da parte de nossa responsabilidade. A elite dirigente africana, salvo raras exceções, é corrupta e alienada; seu nacionalismo é de fachada, pois serve mais aos interesses estrangeiros e aos dela própria do que aos de seu país. Existe uma exploração interna e uma pilhagem sistemática do continente por seus próprios filhos, em estreita colaboração com a exploração externa.

Interesses do Estado vs Interesses do Regime

- Há um comportamento comum entre vários **Estados africanos que trabalham com logica de proteção dos interesses do regime.**
- Isso quer dizer que, em muitos territórios, **as forças mobilizadas não são para reforçar um Estado, mas proteger um regime de inimigos internos.** Em um mesmo país pode haver a concorrência de diferentes regimes.

Integração regional

- Com relação à integração regional, é necessário observar as peculiaridades de fenômenos transnacionais informais. Nesse sentido, o desenho institucional da integração regional é apenas uma pequena parte das relações entre diferentes territórios nacionais.
- Há inúmeros casos de organizações sociais e grupos privados que trabalham nas fronteiras entre os países.
- (Karen Smith)

A relação entre o interno e o externo

- É impossível explicar a variedade de problemas encarados pelos africanos no cotidiano – variando da pobreza até a falta de moradia, educação básica e saúde – **sem se referir às barreiras impostas ao sistema internacional.**

- Os chamados desafios domésticos não podem ser separados do ambiente internacional. **Os problemas dos países mais pobres está intimamente ligada às suas posições periféricas no sistema internacional.**

Estadocentrismo

- Há uma tendência dos estudiosos de Relações Internacionais de **compreender o sistema internacional a partir de uma visão Estadocêntrica.**
- No continente africano, em algumas regiões, os atores que se engajam na Guerra, no Comércio e oferecem serviços são os senhores da Guerra, **organizações não governamentais e redes de grupos étnicos**

Repensando Estado

- Alguns estudiosos afirmam que a diferença entre a África e o resto do mundo é que no continente os Estados somente o são no nome.
- Os estudiosos do campo de relações internacionais utilizam alguns conceitos de maneira inflexível

Quase Estados (Christopher Clapham)

- **Estados que não apresentam capacidade de defender os seus próprios territórios e dar segurança aos seus povos**. A legitimidade não se dá pela sua capacidade, mas **pelo reconhecimento de organizações do sistema internacional.**
- Grande parte dos Estados Africanos e asiáticos emergiram ao clamarem pela autonomia, sustentada pela ideia de autodeterminação após a Primeira Guerra Mundial e reforçada com a criação da ONU.
- **Parte da lógica de autodeterminação foi consequência da conjuntura na qual EUA E URSS**, com o objetivo de minar a força dos antigos impérios , passaram a reconhecer a soberania de vários Estados Fracos.

Reconhecimento internacional

- Para ter o reconhecimento internacional, um chefe de Estado deve ganhar eleições, dar um Golpe de Estado, tomar o poder a partir de um exército de libertação ou organizar um movimento de secessão.

Formação dos Estados “Pós-Coloniais”

- As elites africanas, independentemente da agenda revolucionária ou nacionalista, continuaram conectadas às forças externas. **Muitas da lideranças não manifestavam com qualquer tipo de identidade com os seguimentos populares.**
- Neste processo, os limites territoriais não foram desafiados. As elites africanas iniciaram o processo de emancipação sem **necessariamente desmantelar a estrutura burocrática neocolonial.**
- O reconhecimento internacional, tão caro a essas lideranças, só foi possível na maioria dos casos **porque não nenhuma mudança no desenho das divisões coloniais.**

Enfraquecimento dos Estados

- Características como a integridade territorial já era um atributo da maioria dos Estados africanos durante a independência. **Entretanto, ao longo do tempo, as circunstâncias econômicas reduziram a capacidades dos Estados de assegurarem uma soberania efetiva** diante das ameaças internas e externas.
- Historicamente, principalmente quando levamos em consideração o processo europeus, os Estados se formam a partir da expansão de poder de um grupo sobre outro. **As fronteiras serão definidas por Estados vizinhos que igualmente constituíram outra esfera de poder**.
- No caso da maioria dos Estados Africanos, a determinação do território é anterior ao Estado.

Formação de quadros

- Uma das primeiras narrativas com que nos deparamos ao analisar a literatura especializada de Análise de Política Externa na África Sub- saariana é o aspecto periférico da participação dos países africanos n sistema internacional. Em grande medida, isso se deve principalmente aos constrangimentos causados pelas assimetrias econômicas e militares que, somados aos desafios internos, restringem as ações externas desses Estados.
- Segundo Naomi Chazan, entre os principais constrangimentos estão a escassez de mão de obra qualificada e recursos limitados para estabelecer missões diplomáticas permanentes (embaixadas) ou para reunir informações sobre eventos externos. Além disso, a falta de coesão interna e a baixa legitimidade do governo e das instituições estatais contribuem para que as elites políticas concentrem as suas ações em assuntos internos,em detrimento dos assuntos externos.

Configuração das ditaduras africanas

- No processo de formação do Estado, **nos primeiros anos as oposições** tiveram oportunidade de participar da disputa de poder, entretanto os **arranjos democráticos foram se desfazendo ao longo dos anos.**
- As oposições que persistiram, continuaram a disputar o poder ou porque a situação não tinha recurso para esmagar os adversários ou porque os adversários não revelavam nenhuma capacidade para competição.
- Assim, a **lógica do partido único se transformou em monopólio de ditadores que prevaleceram sobre os seus partidários e** personalizaram o poder.

Ditadores

- Os ditadores, principalmente com os primeiros golpes aplicados da década de 1960, **surgiram como figuras capazes de contornar os problemas internos.**
- Eles emergem como atores imprescindíveis para a garantia da soberania do Estado, **representando um grupo mais forte ou um consenso entre diferentes grupos étnicos em um determinado espaço nacional.**

Características dos Estados Monopolizados

- Os Estados **nesta situação dependem inteiramente de um líder, que é onipresente e domina completamente o sistema**. Muitos deles externam suas fraquezas ao evitar qualquer tipo de competição.
- **A grande maioria não durou mais que dois anos**, mas outros Haile-Selassie da Etiópia e Felix Houphouet-Boygne da Costa do Marfim chegaram a governar por cerca de 30 anos.
- Em muitas situações, a escolha pela ditadura não foi somente uma questão de benefício pessoal, **mas também de sobrevivência do regime e pessoal.**
- As agendas são escolhidas pessoalmente pelos ditadores, entretanto se perde qualquer **possibilidade de conferir poder moral ao Estado**. A população não respeita, apenas tem medo do poder do Estado.

Características dos Estados Monopolizados

- Diferentemente da América Latina, **onde a grande maioria dos golpes de Estados foram articulados pela Direita,** não há uma orientação política que determina a derrubada de regimes.
- A padrão dos primeiros golpes é o de figuras treinadas entre os quadros coloniais e que ascendem ao poder com apoio das antigas metrópoles.
- Assim, muitos dos ditadores passam a trabalhar com uma lógica de equilíbrio entre forças internas e externas. **Em situações nas quais a legitimidade do ditador é pequena, há a tendência de se buscar apoio internacionalmente**. Por outro lado, quando tem apoio popular, mesmo sem eleições, tem acesso a recursos importantes no território e tem maior autonomia internacionalmente.

Maneiras de controlar a oposição

- Oferecendo serviços públicos básicos
- Cooptando possíveis opositores, compartilhando recursos do Estado
- Comprando armas para eliminar a oposição

Idi Amin



- O governo de Amin ficou caracterizado por violações dos direitos humanos, repressão política, perseguição étnica, assassinatos, nepotismo, corrupção e má gestão econômica.
- O número de mortos durante seu regime ditatorial é estimado por observadores internacionais e grupos de direitos humanos como **estando entre cem mil e quinhentos mil.**
- Durante seus anos no poder, Amin deixou de ser um anticomunista com considerável apoio de Israel e passou a ser apoiado **por Muammar al-Gaddafi, a União Soviética e a Alemanha Oriental.**

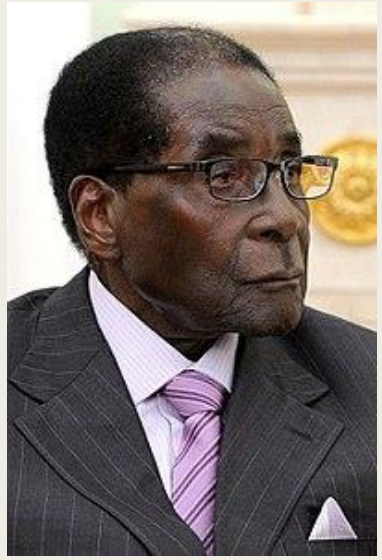
Idi Amin

- Entre 1975 e 1976, ele foi o presidente da **Organização da Unidade Africana, um grupo criado para promover a solidariedade entre as nações no continente**. Entre 1977 e 1979, Uganda foi membro da Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos.
- Em 1977, quando o Reino Unido rompeu relações diplomáticas com o país, Amin declarou que havia derrotado os britânicos, adicionando "CBE", de "Conquistador do Império Britânico", aos seus títulos. Seu título completo era "Sua Excelência Presidente Vitalício, Marechal de Campo Alhaji Dr. Idi Amin Dada, VC, DSO, MC, CBE".

- Após a Guerra Uganda-Tanzânia (1978–1979), onde Amin tentou anexar a região de Kagera, dissidentes conseguiram encerrar seu regime de oito anos, forçando seu exílio. Primeiro ele foi para a Líbia, depois para a Arábia Saudita, onde viveu até sua morte em 16 de agosto de 2003.


VENCEDOR DO OSCAR® 2007
MELHOR ATOR
FOREST WHITAKER
O ÚLTIMO REI DA ESCÓCIA

Robert Mugabe



- Participou no movimento de Joshua Nkomo, a União Popular Africana do Zimbábue (ZAPU), em 1960 e três anos mais tarde funda a União Nacional Africana do Zimbábue - Frente Patriótica (ZANU-PF).

- Foi preso em 1964 devido às suas atividades políticas, **sendo libertado em 1974, altura em que parte para Moçambique, onde lidera uma guerrilha que se opõe ao Governo de minoria branca de Ian Smith** (na época, o Zimbábue vivia um regime segregacional racista, similar ao Apartheid).
- Com o acordo de paz de Lancaster House, assinado em Londres em 1979, após meses de negociações, Mugabe voltou para a ex-Rodésia e **foi calorosamente recebido pela maioria negra**. Apesar dos pedidos de Mugabe para reconciliação racial, seu governo foi acusado de racismo e suas políticas acabaram forçando a fuga de quase toda a população branca do país.

Tomada de Poder no Zimbabwe

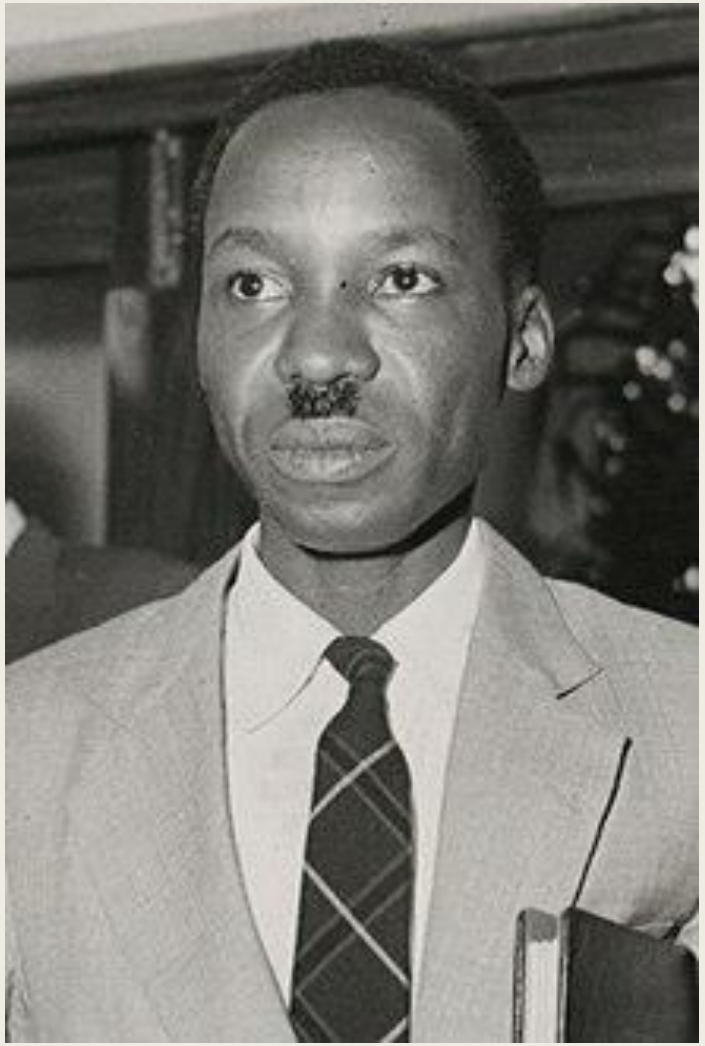
- Tornou-se primeiro-ministro da ex-Rodésia (já depois do fim do governo liderado por Ian Smith) em 1980, **ao vencer as primeiras eleições democráticas. Em abril do mesmo ano, é declarada a independência do país que passou a ser designado por Zimbabwe** ("Zimbábue" em português).

- Em 1982 passa a liderar o país sozinho, rompendo a coligação de Unidade Nacional de dois anos com Joshua Nkomo e pondo termo a uma ligação que imperava, desde 1976, com a União Popular Africana do Zimbábue (ZAPU) de Joshua Nkomo, em que votava a maioria dos membros da etnia ndeble. Este processo de separação despoletou violentos confrontos entre as duas facções, originando uma onda de repressão contra os membros da ZAPU e os ndeble.

- Passando a centralizar o poder e obtendo cada vez mais autoridade, termina com o **sistema parlamentar, instaurando um sistema com um maior pendor presidencialista.** É eleito Presidente em 1984, 1990, 1996 e 2002 em eleições consideradas, por muitos, ilegais e fora do controlo democrático, habitual de um estado de direito.

Julius Nyerere

- Lançou-se na política em 1954, quando era professor e foi co-fundador, em Julho desse ano do partido Tanganyika African National Union (TANU), que levou o seu país à independência da Grã-Bretanha em 13 de Dezembro de 1962.
- Entretanto, na sequência das conversações com a potência colonizadora e de novas eleições no partido**, Nyerere tinha sido nomeado, em 1959, Primeiro Ministro do território semi-independente do Tanganica e, com a independência, tornou-se o seu primeiro Presidente.**
- Um dirigente que trabalhava pela justiça social, unidade nacional e boas relações raciais, Nyerere conduziu a união política entre o Tanganica e Zanzibar, que levou à constiuição da República Unida da Tanzânia em 1964. Em 1977, lidera a fusão do seu partido com o Partido Afro-Shirazi de Zanzibar para formar o Chama cha Mapinduzi (CCM) ou “Partido da Revolução”, em KiSwahili.



Julius Nyerere

- **Nyerere, que se conservou no poder até 1985 quando, voluntariamente decidiu deixar a presidência**, conduziu o país segundo uma política denominada "Socialismo Africano", internamente designada **"Ujamaa**", que significa "unidade" ou "família", em KiSwahili.
- Estabeleceu laços com a República Popular da China, que financiou a construção da linha de caminhos de ferro entre o porto de Dar es Salaam e a Zâmbia e participou ainda noutros projetos industriais.

- Infelizmente e, apesar do imenso esforço em termos de educação, que fez com que a Universidade de Dar es Salaam, e principalmente o seu Instituto de Ciências Marinhas, sejam atualmente um “centro de excelência”, **a política “Ujamaa” não deu os resultados pretendidos e foi abandonada gradualmente pelos governantes que o sucederam.**

Processo de democratização dos anos 1990

- Houve uma tendência maior, a partir da década de 1990, dos chefes de Estados implementarem abertura no regime através de concessões com setores das elites, setores da burocracia, os militares e as populações urbanas.

Crescimento dos mercados informais

- Os Estados africanos, diferentemente dos Europeus, não ofereceram subsídios para os agricultores. **Pelo contrário, desestimularam a produção através de taxas, abrindo espaço para o crescimento informal**.
- Em alguns, países as autoridades procuraram **manter artificialmente o valor produção agrícola baixa para as populações urbanas**, com intuito de pacificar as massas nas grandes cidades.
- Entretanto emergiram mercados informais que subverteram as políticas de controle e revelaram a insatisfação de grupos articulados das zonas rurais.

Reterritorialização do continente africano

- Especialistas como **Gorm Olsen** têm chamado atenção para o modo como atores globais e internos influenciam os regimes de territorialidade de diversas áreas do continente africano.
- Esses acadêmicos do campo das Relações Internacionais afirmam que não é possível compreender as dinâmicas sociais e políticas da **África sem levar em consideração a atuação de diferentes atores como a ONU, as ONGs internacionais, as multinacionais e os senhores das armas.**
- É necessário relativizar a capacidade da maioria dos Estados de controlar a circulação de atores e fenômenos econômicos

Estado x Forças Não-Estatais

- Há uma tendência, principalmente nos estudos africanos que discutem os papel do Estado, de repensar a autoridade dos territórios nacionais.
- **A presença de forças de paz, senhores da guerra ou multinacionais desafiam a soberania de algumas nações. Se por um lado as fronteiras do Estado são reconhecidas internacionalmente, por outros são desafiadas por atores não-estatais.**

Disputas territoriais na Europa e na África

- Desde o tratado de **Vestifália** as guerras em solo europeu foram consequências de disputas entre Estados. Na grande maioria das vezes, envolveu algum Estado em expansão que provocou a reação de outros Estados.
- **No caso do continente africano, a maioria dos conflitos são marcados pela articulação de atores internos ou externos (não-estatais)** que questionam a soberania de um Estado, operando através de mobilização étnica ou através da articulação de senhores da guerra que disputam recursos naturais com Estados.

Dessencializar os Estados

- Especialistas a partir de experiências africanas, ou de outros continente, têm afirmado que é necessário repensar a natureza dos Estados, enquanto autoridades máximas e forças que detêm o monopólio da violência.
- Em várias circunstâncias há organizações não estatais que desafiam as autoridades estatais.

Raridade dos confrontos interestatais

- Os confrontos interestatais (guerra tradicional entre Estados) foram exceções no continente no período e ocorreram na região do Chifre africano, envolvendo Somália e Etiópia (Guerra de Ogaden II, 2007-2008) e Etiópia e Eritreia (1998-2000)
- O **pan-africanismo e sua institucionalização com a Organização da Unidade Africana** tiveram um importante papel na defesa da soberania política e das fronteiras herdadas do período colonial, resultando em poucas disputas territoriais entre os Estados – marcante em conflitos interestatais

Complexidades das Guerras Proxy

- A guerra proxy foi utilizada em larga escala na Guerra Fria, e manteve-se presente no pós-Guerra Fria. Ela se configura como um conflito armado em que há uma relação de suporte de um ator principal – que busca evitar a participação direta e a responsabilidade da guerra – para outro proxy. Nesse sentido, a guerra proxy seria como um conflito armado travado por procuração, ou seja, os países em disputa utilizam de terceiros a fim de evitar um confronto direto.
- Devido à grande utilização no continente africano desse tipo de confronto na Guerra Fria pelas duas superpotências, pequenas potências africanas passaram também a utilizar esse método contra adversários. Como exemplos desse tipo de atuação tivemos a Guerra Civil Congolesa (Brazzaville) (1997), da Guerra Civil em Serra Leoa (1991-2002) e da Primeira Guerra Civil da Líbia (2011).

- A partir dos anos 2000, a utilização do terrorismo cresceu no continente africano, existindo diversos grupos identificados, em diferentes regiões da África: Al Qaeda do Magreb Islâmico no Mali e Argélia; MUYAO no Níger; Al Shabaab na Somália; além de células do ISIS na Líbia, Somália entre outros.
- Um exemplo expoente desse tipo de atuação, é a disputa na Nigéria entre o governo e o grupo terrorista Boko Haram. Fundado em 2002, no nordeste do país, o grupo inicia sua atuação violenta em 2009, e, a partir de 2011, atua em diversas regiões, inclusive na capital Abuja.
- Além disso, o grupo estabeleceu bases nos vizinhos Chade e Níger para refúgio e treinamento. Uma das suas características é o sequestro de mulheres, estimando-se que, desde 2014, 2.000 mulheres e meninas foram sequestradas pelo grupo

Boko Haram

- O Boko Haram constitui um dos principais desafios à segurança nacional, à integridade territorial e à capacidade de governança do Estado nigeriano desde o início do século XXI. Trata-se de uma organização insurgente jihadista, fundada em 2002 por Mohammed Yusuf, na cidade de Maiduguri, capital do estado de Borno, no nordeste da Nigéria.
- O grupo ganhou projeção internacional a partir de 2009, quando, após confrontos com as forças de segurança nigerianas e a morte de seu fundador sob custódia policial, passou a adotar uma estratégia de insurgência armada mais violenta, sob a liderança de Abubakar Shekau.
- A expressão Boko Haram é frequentemente traduzida como "a educação ocidental é proibida", embora essa tradução simplifique o significado de sua denominação e de sua ideologia. O movimento rejeita aspectos fundamentais do Estado secular nigeriano e defende a implantação de uma ordem política baseada em sua interpretação radical da lei islâmica (sharia).



Desafios para o Estado Nigeriano

Um problema particularmente importante diz respeito à relação entre as forças de segurança e as populações locais. Denúncias de abusos, detenções arbitrárias e violência praticada por agentes estatais contribuíram para enfraquecer a confiança nas instituições governamentais. A atuação militar, portanto, não pode ser analisada isoladamente das questões de legitimidade política e proteção dos direitos humanos

Dimensão	Desafio para o Estado
Militar	Dificuldade de combater grupos móveis e descentralizados.
Territorial	Recuperar e manter o controle de áreas rurais e fronteiriças.
Institucional	Corrupção, limitações administrativas e fragilidade das instituições locais.
Econômica	Reconstruir regiões afetadas e recuperar atividades produtivas.
Social	Reintegrar deslocados e reconstruir a confiança da população nas instituições.
Regional	Ampliar a cooperação com os países da Bacia do Lago Chade.

Características dos conflitos africanos

- as guerras africanas baseiam-se na tríade: (i) conflitos regionalizados; (ii) continuidade da guerra *proxy* e de rivalidades interestatais; (iii) presença de atores não estatais. Nesse sentido, como podemos ver a ameaça doméstica foi predominante no continente africano no pós-Guerra Fria.
- Esse tipo de disputa possui dois objetivos: a tomada do governo, que é definida como “Guerra Civil”, e a secessão. Cabe destacar, que essas guerras internas não produziram grandes alterações geográficas nas fronteiras do continente, pelo contrário: esses grupos insurgentes ou rebeldes na sua maioria desafiam as classes dominantes do Estado para o controle do poder central, mantendo-se dentro das fronteiras nacionais oriundas da colonização.
- Essa atuação das insurgências está presente na África desde os movimentos de libertação, passando, logo após, pelo descontentamento com regimes não representativos ou autocráticos em Estados marcados pelo neocolonialismo e ainda como consequências da
- marginalização econômica da população em tempos de crise. Com o fim da Guerra Fria o caráter revolucionário desse tipo de guerra perderá espaço, abrindo campo para outras justificativas ideológicas de disputa.

Aspectos econômicos do conflito

- No entanto, não se deve retirar o fator econômico e social por trás do engajamento dessa massa populacional, na medida em que grupos insurgentes surgem da marginalização econômica e do não acesso a recursos sociais, acabando por ver na luta armada a forma eficaz de tomar os recursos e obter poder.
- No mesmo sentido, o legado colonial, a dependência econômica externa e o impacto dos ajustes econômicos da década de 1980 reforçam a questão econômica como causa da emergência dos insurgentes.
- Outro fator importante para atuação desses grupos é o seu financiamento. A guerra de insurgência foi financiada por (i) recursos externos como assistência militar ou empréstimos internacionais; e (ii) pela extração e concessão de recursos naturais. No primeiro caso, isso culminou em dezenas de dívidas internacionais dos países africanos, que os colocaram ainda mais sob dependência de potências extrarregionais. Entretanto, o segundo caso marcou os conflitos africanos pela riqueza natural que a África possui. As guerras por recursos apareceram no pós-Guerra Fria de forma mais generalizada

Senhores da guerra





Senhores da Guerra

- O fenômeno do senhores da guerra não é recente, mas do período pré-colonial. Os Estados africanos não tinham autoridade sobre todos os espaços. Em áreas específicas, onde havia uma certa abundância de recursos naturais, grupos privados disputavam com os Estados.
- Apesar do processo colonial, essas figuras não entraram em extinção e ganharam espaço ao longo do período pós-colonial. **Atuam principalmente nas bordas dos territórios nacionais**, chegando a criar redes se espalham por até três Estados.

Senhores da Guerra

- Uma vez que o Estado perde controle, o que foi comum ao longo da década de 1980, atores políticos tem procurado uma variedade de meios para construir alternativas de quase-governança fora do Estado. **Esse processo envolve a emergência de exércitos privados, milícias e mercenários que disputam áreas geográficas que têm recursos naturais valiosos como diamantes, madeiras, borracha e petróleo.**
- Ao mesmo tempo, o declínio estatal leva um processo no qual **soldados sem pagamentos se mobilizam para disputar o poder.**

Joseph Kony

- Joseph Kony é o líder do grupo de guerrilha Exército de Resistência do Senhor (ERS). Kony **é um cristão fundamentalista, que se denomina enviado e porta-voz de Deus**. Desde 1987, ele e seu exército são considerados responsáveis pelo sequestro e recrutamento forçado de entre 40 mil e 50 mil crianças e pela desalojamento de cerca de 1 milhão de pessoas na África Central ao longo dos últimos 25 anos.
- Desde outubro de 2005, o Tribunal Penal Internacional (TPI) tem um mandado de prisão contra Kony por diversas violações aos direitos humanos, incluindo assassinato, sequestro, mutilação, escravização sexual e por forçar crianças a virar soldados de guerra. O ERS é considerado uma organização terrorista pelo governo americano desde 2001.



Joseph Kony

- Kony começou a formar o seu exército em 1986. **A organização atingiu seu ápice no fim dos anos 90** e, com o fim da guerra no norte de Uganda em 2006, perdeu forças.
- Atualmente acredita-se que ele e seu grupo de cerca de 200 homens vivam separados em três grandes grupos, escondidos nas florestas entre a República Democrática do Congo, a República da África Central e o recém-criado Sudão do Sul , três países pobres e com governos pouco democráticos.





Criança-soldado

Considera-se Criança-soldado todo menor de 18 anos que participe em conflitos armados, internacionais ou não, integrando forças regulares ou irregulares, directa ou indirectamente, não sendo assim necessário que use armas, incluindo-se nesta categoria as crianças que prestam apoio logístico ou de outra índole incluindo cozinheiros, transportadores, mensageiros, escravos sexuais ou outras.

A comunidade internacional tem-se empenhado, desde meados do século XX, no combate ao recrutamento obrigatório para as Forças armadas pelos estados, na participação de menores de 18 anos em hostilidades e, mais veementemente, na sua participação directa.

Para tal, têm vindo a ser ratificados números instrumentos internacionais, regionais e locais. não obstante, a participação de menores daquela idade em conflitos não é absolutamente proibida, dependendo de vários factores (ver“normativos internacionais”).

Thomas Lubanga



- Thomas Lubanga Dyilo (29 de dezembro de 1960 em Djiba, Ituri) é um ex-líder de um movimento rebelde da República Democrática do Congo, a União de Patriotas Congoleses (UPC).
- Lubanga foi detido em 19 de maio de 2005, encarcerado na prisão de Makala, em Kinshasa e trasladado pela Corte Penal Internacional de Haia.

- Lubanga, preso em Haia desde 16 de março de 2006, foi acusado em 29 de agosto de 2006 e considerado culpado, em 14 de março de 2012, pelos crimes de guerra, como co-autor, de alistar e recrutar crianças menores de 15 anos para a Força Patriótica para a Libertação do Congo (FPLC) e usá-las para participar ativamente nas hostilidades, no contexto de um conflito armado interno, a partir de 1 de setembro de 2002 a 13 de agosto de 2003.

Charles Taylor



- Taylor iniciou uma campanha de **terror com o objetivo de controlar Serra Leoa e poder explorar seus diamantes,** durante uma guerra civil que deixou 120.000 mortos entre 1991 e 2001.

  Vítimas da guerra civil de Serra Leoa celebraram a condenação de Charles Taylor por seu apoio aos rebeldes que espalharam o terror no país.

  Centenas de pessoas se reuniram diante do edifício do Tribunal Especial para Serra Leoa em Freetown e acompanharam, em silêncio, o anúncio do veredicto.

Guerra Civil em Serra Leoa

- O país passou por uma série de conflitos internos, a década de 1990 foi marcada pela guerra entre o governo e a Frente Revolucionária Unida (RFU), tanto o governo quanto o grupo revolucionário obtinha armamentos através de traficantes de armas, que recebiam como pagamento pelas mercadorias os diamantes extraídos do solo de Serra Leoa. As consequências dos conflitos foram desastrosas para a população civil, estima-se que mais de 50 mil civis tenham morrido durante a guerra no país.

  O acordo de paz entre o governo e a Frente Revolucionária Unida (RUF) ocorreu no ano de 2001, houve a presença no país de tropas da Organização das Nações Unidas (ONU), para assegurar o processo de pacificação no território.

  Os problemas sociais e econômicos em Serra Leoa fazem com que o país apresente um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mundial.





Etnia nos conflitos africanos

- Percebe-se inicialmente a necessidade de entendermos o conceito de etnicidade e etnia. Segundo Naomi Chazan et al. (1999), a etnia é uma percepção subjetiva de coletividade refletida através de origens, memórias históricas, valores e normas comuns.

- A etnia parte da ideia de proveniência comum e de uma noção de traços culturais únicos. A identidade étnica é como um grupo de pessoas que compartilham referências como a descendência, a história, o destino e a cultura. Dessa forma, mais que a questão genética, a questão étnica está ligada a cultura, como o exemplo da religião.
- Para Hobsbawm, ainda, a questão genética pode ser considerada sem importância, porque a base central dessa organização social está na própria cultura.

Etnia e colonialismo

- Na África atual, as principais identidades étnicas surgiram do encontro entre as forças coloniais e locais. A conscientização do grupo como uma entidade distinta em relação a outros grupos culturais é um fenômeno recente", oriundo do impacto das intervenções coloniais e da "competição por poder, status, recursos econômicos e serviços sociais que acontece durante os períodos coloniais e pós-coloniais".
- A chegada dos europeus trouxe novas fontes de riqueza, intensificando as lutas locais sobre os costumes, poder e propriedade: "enquanto tentavam se proteger contra os efeitos destrutivos do colonialismo, os africanos também se esforçaram para tirar proveito das novas oportunidades que isso proporcionava".
- Ao entender que congelar essas identidades facilitava a administração, os colonos encorajaram os africanos a pensar etnicamente. Dessa forma, algumas etnias foram criadas, outras incentivadas, mas todas foram vistas como grupos políticos essencialmente, sustentando a organização política daquelas sociedades coloniais.

Etnia como instrumento

- Etnia não causa conflito armado; as chamadas guerras étnicas são geralmente resultado de lutas pelo poder político entre elites cujas ações não refletem simplesmente identidades étnicas estáticas, mas moldam identidades e as consequências políticas que as afetam.
- Nesse sentido, a diferença étnica não tem uma forte relação com a incidência de conflitos armados. No entanto, a construção de identidades étnicas específicas para apoiar agendas políticas específicas tem sido frequentemente um ingrediente importante das guerras na África (WILLIAMS
- Pensando o tema quantitativamente, Cederman, Wimmer e Min (2010) analisaram os principais grupos étnicos de 1946-2005, definindo o que levam a eles se rebelarem:
- 1) quando são excluídos do poder do Estado, principalmente se perderam poder recentemente;
- 2) alta capacidade de mobilização;
- 3) experimentou conflitos no passado. Portanto, a rivalidade étnica em si não levava a disputa armada.
- Componentes como a marginalização, história de violência e organização são mais importantes na dinâmica que leva ao início de guerras civis.

Os Ogonis e o petróleo do Delta do Niger

- A região do Delta do Níger possui enormes reservas de petróleo e gás natural. A exploração petrolífera ganhou força a partir da década de 1950, especialmente após a descoberta de petróleo comercial em Oloibiri, em 1956.
- Apesar da riqueza produzida pela exploração desses recursos, as comunidades locais, incluindo os Ogoni, permaneceram em condições de marginalização econômica e política.
- A exploração petrolífera provocou uma série de consequências:
- Degradação ambiental: derramamentos de petróleo, contaminação de rios, solos e áreas agrícolas.
- Precarização econômica: comprometimento da pesca e da agricultura, atividades fundamentais para a subsistência das comunidades.
- Desigualdade na distribuição da riqueza: os rendimentos do petróleo foram apropriados principalmente pelo Estado nigeriano e pelas empresas petrolíferas.
- Marginalização política: reduzida participação das comunidades locais nas decisões sobre a exploração de seus territórios.
- Nesse contexto, a reivindicação dos Ogoni não se limitava à questão ambiental. Tratava-se também de uma luta por autonomia política, reconhecimento étnico, justiça distributiva e controle dos recursos naturais.

A criação do MOSOP e a Carta dos Direitos Ogoni

- O MOSOP foi fundado em 1990, reunindo organizações comunitárias, lideranças tradicionais, intelectuais e ativistas interessados em articular uma mobilização coletiva em defesa dos direitos do povo Ogoni.
- Um documento fundamental para compreender suas reivindicações foi a Ogoni Bill of Rights (Carta dos Direitos Ogoni), apresentada em outubro de 1990.
- O documento estabelecia reivindicações centrais:
- Autonomia política para o povo Ogoni dentro da Federação Nigeriana.
- Participação efetiva na administração dos assuntos políticos e econômicos de seu território.
- Controle e utilização de uma parcela dos recursos naturais extraídos de suas terras.
- Representação política adequada nas instituições nacionais.
- Proteção da cultura, da língua e da identidade Ogoni.
- Recuperação ambiental das áreas degradadas pela exploração petrolífera.







POLUIÇÃO NO DELTA



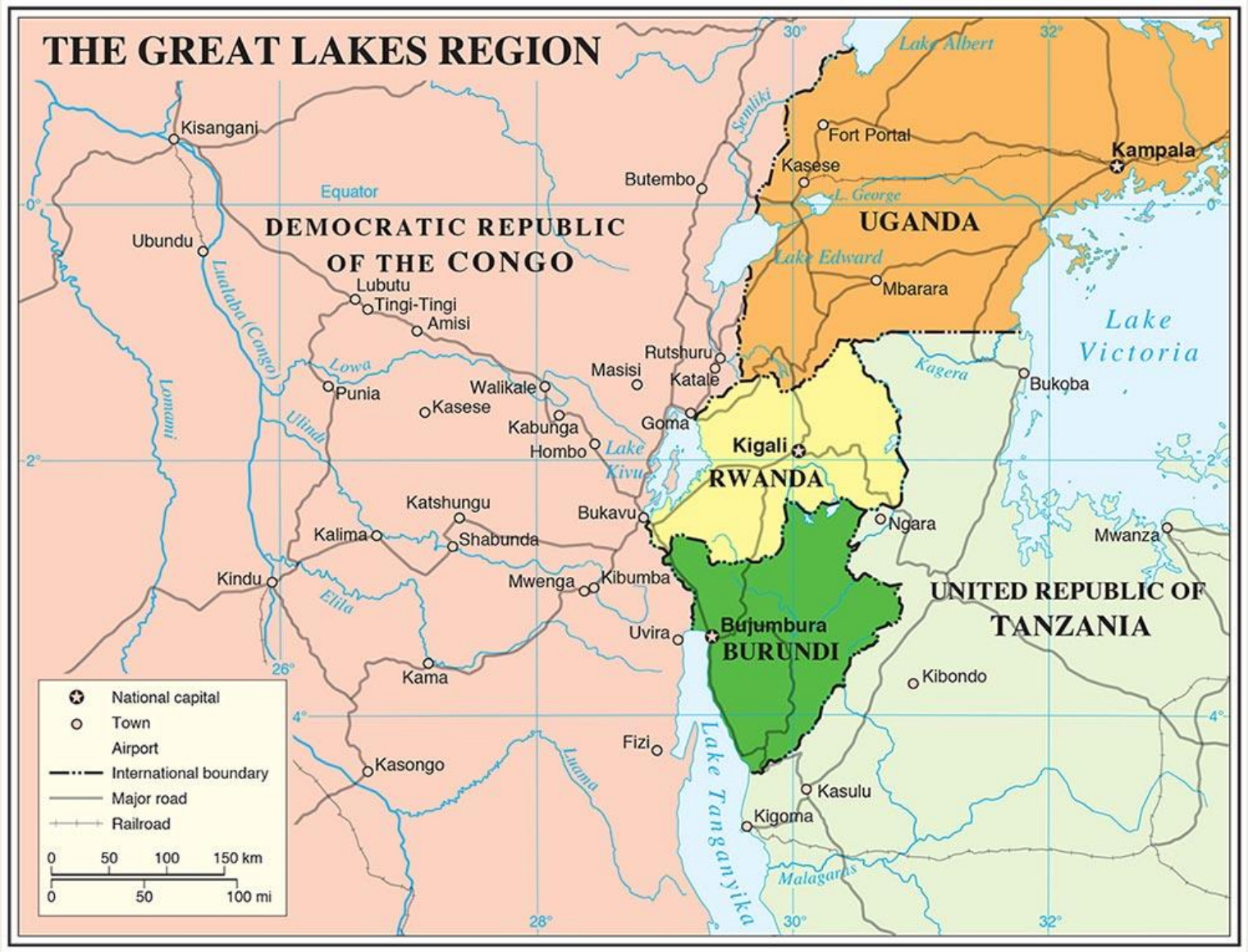
Ken Saro-Wiwa

- Kenule Beeson Saro-Wiwa, conhecido como Ken Saro-Wiwa, foi um escritor, jornalista, produtor de televisão e ativista político nigeriano. Tornou-se uma das principais lideranças da luta pelos direitos do povo Ogoni, no Delta do Níger, contra a exploração petrolífera, a degradação ambiental e a marginalização política das comunidades locais.
- Sua trajetória é particularmente importante para compreender a relação entre racismo ambiental, exploração econômica, autodeterminação dos povos e resistência política na África contemporânea.

O conceito de racismo ambiental

- O racismo ambiental é um conceito que designa a distribuição desigual dos riscos, danos e impactos ambientais entre diferentes grupos sociais, sobretudo quando populações racializadas, negras, indígenas e comunidades tradicionais são desproporcionalmente expostas à poluição, à degradação ambiental, à falta de saneamento básico e aos efeitos das mudanças climáticas.
- O conceito evidencia que os problemas ambientais não atingem todos os grupos sociais da mesma maneira. Ao contrário, as desigualdades raciais, econômicas e territoriais influenciam diretamente quem está mais exposto à contaminação, quem vive em áreas de maior vulnerabilidade ambiental e quem dispõe de recursos para se proteger de desastres ecológicos.
- Assim, o racismo ambiental permite compreender que a degradação ambiental não é apenas um problema ecológico, mas também uma questão de justiça racial, desigualdade social e relações de poder.

Conflito nos Grandes Lagos



Desigualdade do poder etnia

- As escolhas políticas dos estados criam, em mui- tos casos, as bases da mobilização étnica.
- Por outras palavras, os “conflitos étnicos” ocorrem frequentemente em sociedades multi-étnicas subdesenvolvidas, quer quando o comportamento do estado parece ser dominado por um dos seus grupos ou das suas comunidades, quer quando as comunidades se sentem ameaçadas de marginalização, quer quando não existe um meio de reparação de agravos .
- A lógica e a mobilização étnicas ocorrem em consequência do acesso não equitativo ao poder e aos recursos, e não do ódio intrínseco.

Controle eleitoral

- Como se viu no Gana e em outros países, a eficácia de uma comissão eleitoral competente pode fazer uma enorme diferença para evitar a violência étnica. As comissões eleitorais independentes podem também estabelecer regras eleitorais que recompensem candidatos que formem coligações inter-regionais e intergrupais (e que até o exijam). Assegurar que as jurisdições eleitorais não coincidam com fronteiras étnicas é um dos componentes de uma tal estratégia

Tutsis e hutus

- A acentuação da divisão teria ocorrido depois de 1860, quando o rei, mwami Rwabugiri (tutsi) subiu ao trono e deu início a campanhas políticas e militares com o objetivo de expandir e consolidar seu domínio por todo o território. Tendo em vista o caráter sagrado do mwami, Rwabugiri conseguiu moldar a sociedade à sua própria imagem, isto é, os tutsis foram favorecidos com altos cargos civis e militares e passaram a gozar de maior poder econômico, subordinando os hutus como seus vassalos. Porém, a identificação social continuou a ser determinada por fatores tais como origem do clã, religião, clientela etc., permitindo certa permeabilidade entre tutsis e hutus.

Ruanda no contexto colonial

- No contexto de tratados bilaterais em 1890, Alemanha e Inglaterra firmaram o tratado conhecido como “Zanzibar–Heligolândia”. Neste, ficou acordado, entre outras deliberações, que a “África Oriental Alemã” tivesse quase o tamanho da Tanzânia acrescido de Ruanda e Burundi.
- O governo alemão não se envolveu diretamente em Ruanda, deixando que a autoridade indígena administrasse a colônia. Após a 1ª Guerra Mundial e com a Alemanha derrotada, o protetorado de Ruanda foi entregue a Bélgica, por determinação da Liga das Nações.
- Quando a Liga das Nações transferiu Ruanda para a Bélgica, os tutsis e hutus já formavam identidades mais consolidadas: os tutsis, minoria, já dominavam os cargos e posições de estado e os hutus eram os vassalos. Foi em cima dessa dualidade que a empresa colonial belga se estabeleceu.

Influência belga

- A Bélgica não negava esforços para manter um domínio direto e duro, fazendo uso da Igreja Católica, a qual manipulava a mente dos tutsis de classe alta, para que eles reprimissem a população menos favorecida financeiramente, a qual era, em sua maioria, hutus. A cobrança de impostos exacerbada, assim como o trabalho escravo, foi, ao longo dos tempos, criando diferenças socioeconômicas, assim como, sentimentos de raiva e rancor nos menos beneficiados.
- Ao longo da era colonial, a minoria tutsi, aos quais foram dados privilégios e educação (14%) foi favorecida em detrimento dos hutus (85%), sendo estes oprimidos. Em 1959, os hutus se rebelaram contra os belgas e a elite tutsi, forçando 150 mil tutsis a migrarem para o Burundi

Emancipação de Ruanda

- Em 1961, Ruanda obteve autonomia a partir de um plebiscito que teve supervisão da Organização das Nações Unidas – ONU, vindo a se tornar independente em 1962. Com a descolonização de Ruanda, a elite política hutu substituiu os belgas. Um novo presidente, Gregoire Kayibanda, subiu ao poder, em uma competição política violenta, causando centenas de mortes de tutsis, o que levou a causar milhares de refugiados, cerca de vinte mil para Uganda, Burundi e Tanzânia.

Primeira Guerra Civil

- De 1970 até a década de 1990 os conflitos se acirraram e as identidades se aprofundaram de tal modo que a maleabilidade original não mais existia. Em 1987, um grupo de exilados tutsis em Uganda formou um grupo rebelde, a Frente Patriótica Ruandesa (RPF)invadiu Ruanda em 1º de outubro 1990, com um batalhão de 7 mil combatentes. Por causa dos ataques e com auxílio de propaganda governamental, todos os tutsis dentro do país foram rotulados cúmplices da RPF, e os membros hutus dos partidos de oposição foram rotulados como traidores.
- A partir do ataque da FPR a Ruanda em 1990, iniciou-se uma guerra civil da qual o saldo foi de inúmeras mortes. Com isso, a França, a Bélgica e o Zaire enviaram tropas para Kigali, a capital, oficialmente para proteger seus nacionais. Este último país deixou claro que as tropas deveriam prestar ajuda ao exército ruandês. A FPR foi vencida e, com isso começou a se organizar como um movimento de guerrilhas. O governo passou a ser o autor de vários massacres da população civil tutsi, provocando assim, represálias da FPR

Início do genocídio

- O Conselho de Segurança da ONU, mediante a resolução S/RES/872 (1993), estabeleceu a Missão de Assistência das Nações Unidas para Ruanda (UNAMIR), sob o comando do general Romeo Dallaire, para supervisionar a implementação do Acordo de Arusha. Cerca de 2.500 militares da ONU foram mobilizados para Kigal.

- Em 1994, quando os dois presidentes, de Ruanda – Habyarimana e do Burundi – Ntaryamira retornavam juntos de avião das negociações a respeito da tomada de providências para a efetivação do Acordo de Arusha, sofreram acidente aéreo, onde todos a bordo morreram.
- De acordo com Nolli e Armada (2013), foi um acidente premeditado por agentes desconhecidos, que, no entanto, acredita-se que tenha sido executado por civis hutus e é considerado o marco do início do genocídio em Ruanda.



Matança

- Na noite de 6 de abril, as Forças Armadas de Ruanda e da milícia "Interahamwe" montaram bloqueios nas estradas e começaram a ir de casa em casa matando tutsis e políticos hutus moderados. A primeira-ministra, Agathe Uwilingiyimana, e 10 agentes belgas designados para protegê-la foram brutalmente assassinados por soldados do governo de Ruanda em um ataque à sua casa, em 7 de abril.
- Os líderes Hutus pregavam abertamente a matança dos Tutsis e faziam dos meios de comunicação, como o rádio, ferramentas para instigarem o medo e comentarem o que iria ocorrer com os Tutsis e Hutus simpatizantes, que eram chamados de baratas, árvores altas e ervas daninhas

Negligencia da comunidade internacional

- Outro fator foi uma completa falta de entendimento de que o genocídio era um ataque planejado aos tutsis (e hutus moderados) com um objetivo político claro (a manutenção do poder). Em vez de mostrar essa realidade, a imprensa reportou que o conflito era 'tribal' com 'raízes de ódio'. Ao despolitizar o conflito, a mídia deu a impressão de que era um confronto que não poderia ser resolvido, o que era incorreto.
- O genocídio ocorrido em Ruanda foi um dos piores acontecimentos na história da humanidade. Após o término desse massacre horrendo, a ONU, depois de praticamente nada ter feito, instala em Arusha, na Tanzânia, um Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR). Esse tribunal foi criado com o intuito de julgar todo e qualquer responsável pelo genocídio, assim como demais atos graves de violação dos direitos internacionais humanitários cometidos no território ruandês e também em Estados vizinhos, entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 1994


GENOCIDE
NYAMATA
MEMORIAL



MEMORIAL DO GENOCÍDIO


Francine
Bernardin

Guerra Civil do Burundi

- A Guerra Civil do Burundi (1993–2005) foi um conflito armado marcado por tensões étnicas, disputas pelo poder político e profundas desigualdades históricas entre hutus e tutsis. Suas origens remontam ao período colonial, quando a administração alemã e, posteriormente, belga contribuiu para institucionalizar e aprofundar as divisões entre esses grupos.
- O conflito teve início em outubro de 1993, após o assassinato do presidente Melchior Ndadaye, primeiro presidente hutu democraticamente eleito do país, durante uma tentativa de golpe militar conduzida por setores do Exército dominados por tutsis. O episódio desencadeou massacres contra civis tutsis e uma violenta repressão contra a população hutu, seguida pela formação de movimentos insurgentes.
- Entre os principais grupos insurgentes estavam o CNDD-FDD (Conselho Nacional para a Defesa da Democracia – Forças para a Defesa da Democracia) e as Forças Nacionais de Libertação (FNL), ambos de predominância hutu. O conflito provocou aproximadamente 300 mil mortes, além de deslocamentos populacionais em larga escala.
- A tentativa de encerrar a guerra ganhou força com o Acordo de Arusha, assinado em agosto de 2000, sob mediação de Nelson Mandela. O acordo estabeleceu mecanismos de compartilhamento do poder entre hutus e tutsis e propôs reformas nas instituições políticas e nas Forças Armadas. Em 2005, a realização de eleições e a chegada ao poder de Pierre Nkurunziza, antigo líder do CNDD-FDD, marcaram o encerramento da principal fase da guerra civil. Entretanto, a violência política e as tensões institucionais permaneceram presentes no país

Os Principais Grupos e Dinâmicas Atuais

- **O Movimento M23:** É um grupo rebelde predominantemente de etnia Tutsi que atua fortemente no leste do Congo. Relatórios da ONU e sanções internacionais confirmam que **Ruanda financia e apoia diretamente o M23** para desestabilizar a região e escoar minérios clandestinamente. Recentemente, novas alianças e tensões políticas domésticas ganharam força, envolvendo até o ex-presidente congolês Joseph Kabila na liderança de braços políticos aliados aos rebeldes.
- **As Forças Governamentais (FARDC):** O exército do Congo é fragilizado, corrupto e incapaz de patrulhar todas as suas fronteiras de forma estável. Para combater o M23, o governo congolês depende de milícias locais aliadas (como os combatentes *Wazalendo*) e de forças internacionais de paz, embora também enfrente acusações de violação de direitos humanos



O Fator Econômico: "Minerais de Sangue"

- O leste do Congo é uma das regiões mais ricas do planeta em recursos naturais estratégicos para a tecnologia global:
- **Coltan e Cobalto:** Elementos cruciais para a fabricação de smartphones, computadores e baterias de carros elétricos.
- **Contrabando de Fronteira:** O conflito armado funciona como uma fachada conveniente. Grupos rebeldes extraem ilegalmente esses minérios e os contrabandeiam através das fronteiras com Ruanda, Uganda e Burundi, de onde são exportados para o mercado internacional.

Consequências do conflito

- A crise gera consequências alarmantes que frequentemente sofrem com a invisibilidade na mídia global:
- Milhões de Vítimas: Estima-se que as sucessivas guerras e conflitos na RDC já provocaram mais de 6 milhões de mortes diretas e indiretas desde a década de 1990.
- Deslocamento em Massa: Centenas de milhares de pessoas abandonam suas casas regularmente devido ao avanço dos combates. Milhões vivem em acampamentos improvisados sem acesso a saneamento básico, gerando crises paralelas de fome e surtos de doenças.